

O problema da seleção é a tarefa mais difícil que se apresenta ao organizador de um volume como este. É claro que há documentos fundamentais (como, por exemplo, a Declaração da Independência, a Constituição, a Doutrina de Monroe, e o Discurso de Lincoln em Gettysburg) que precisam ser incluídos, mas muitos outros, de importância pouco menor, freqüentemente têm de ser excluídos em virtude das limitações do espaço. Numa tentativa para resolver o problema, o organizador deste volume, além de reproduzir alguns na íntegra, estampou excertos ou breves resumos de grande número de documentos que não costumam aparecer num relato documentário da história americana num volume só. Fez-se também um esforço para extrapolar os confins da história política e constitucional americana, incluindo materiais que ilustram os principais desenvolvimentos registrados na vida social, intelectual e econômica da nação. Não se esqueça o leitor, todavia, de que este livro contém apenas uma amostra das ricas e variadas fontes de matérias-primas da história americana.

O autor confessa-se grato à Srta. Nancy Cone, da equipe editorial do editor, pela valiosa assistência que lhe prestou em todas as fases da preparação do manuscrito; ao Sr. Jong Sung Park, da equipe do editor, pela ajuda que lhe forneceu na verificação das fontes originais e das notas; e à Sra. Carol Ann Luten pelo auxílio que lhe deu na seleção preliminar dos documentos que deviam ser incluídos. Deseja agradecer também à Houghton Mifflin Company a permissão para citar excertos de Readings in the History of Education, organizado por Ellwood Cubberley (copirraite, 1920); à Macmillan Company a autorização para transcrever trechos de Select Orations Illustrating American History, organizado por Samuel Bannister Harding (copirraite, 1923); e à Viking Press a licença para reproduzir passagens de The Letters of Sacco and Vanzetti, de Marion D. Frankfurter e Gardner Jackson (copirraite, 1928).

HAROLD C. SYRETT

## A PRIMEIRA CARTA DA VIRGÍNIA \* (10 de abril de 1606)

Em 1606, o rei Jaime I outorgou uma carta para colonizar o território "comumente denominado Virgínia" a um grupo de mercadores de Londres e Plymouth. Fundaram-se duas Companhias da Virgínia — a Companhia de Londres (Virgínia do Sul) e a Companhia de Plymouth (Virgínia do Norte). Se bem a Plymouth Company visse malogradas suas tentativas de colonização, a London Company enviou, em dezembro de 1607, seus primeiros colonos, que desembarcaram, em maio de 1607, em Jamestown, onde fundaram o primeiro povoado inglês permanente na América.

JAIME pela Graça de Deus, Rei da Inglaterra, Escócia, França e Irlanda, Defensor da Fé, etc. CONSIDERANDO que nossos dedicados e bem dispostos súditos, Sir Thomas Gates e Sir George Somers, cavaleiros, Richard Hackluit, amanuense, prebendado de Westminster, e Edward-Maria Wingfield, Thomas Hanham e Raleigh Gilbert, escudeiros, William Parker e George Popham, cavaleiros, e diversos outros dentre os nossos dedicados súditos nos têm requerido humildemente e Nós lhes concedemos nossa Licença para fazerem Habitação, Plantação e iniciarem uma Colônia de vários representantes do nosso Povo nessa Parte da América, comumente denominada VIRGÍNIA, e em outras Partes e Territórios da América, ou que nos pertençam ou que não estejam realmente na posse de nenhum Príncipe ou Povo cristão, situadas, jacentes e estantes ao longo das Costas do Mar, entre quatro e trinta Graus de Latitude Norte a contar da Linha do Equinócio e cinco e quarenta Graus da mesma Latitude, e no Continente entre os mesmos quatro e trinta e cinco e quarenta Graus, e as Ilhas adjacentes a esse lugar, ou numa área de cem Milhas da Costa;

E para esse Fim, e para a mais rápida Execução das suas ditas e tencionadas Plantação e Habitação ali, desejam dividir-se em duas Colônias e Companhias; Consistindo uma delas em certos Cavaleiros, Cavalheiros, Mercadores e outros Aventureiros, da nossa Cidade de Londres e alhures, que se juntaram e os que, de tempos a tempos, se juntarem a eles, ... E consistindo a outra em vários Cavaleiros, Cavalheiros, Mercadores e outros Aventureiros, de nossas Cidades de

\* B. P. Poore, organizador, *The Federal and State Constitutions, Colonial Charters, and Other Organic Laws of the U.S.* [A Constituição Federal e as Constituições Estaduais, as Cartas Coloniais e outras leis Orgânicas dos Estados Unidos] (Segunda edição, Washington, D.C.: Imprensa do Governo, 1878), II, 1888 e seguintes.

*Bristol e Exeter*, e da nossa cidade de *Plimouth*, e de outros Lugares, que se juntam naquela Colônia, ...

Nós, louvando sumamente, e graciosamente aceitando, seus Desejos de Promoção de Obra tão nobre que poderá, pela Providência de Deus Todo-Poderoso, daqui por diante concorrer para a Glória de sua Divina Majestade, no propagar a Religião *Cristã* ao Povo que ainda vive nas Trevas e na miserável Ignorância do verdadeiro Conhecimento e Adoração de Deus, e poderá, com o tempo, trazer os Infiéis e Selvagens, que vivem nessas Partes, à Civilidade humana, e a um Governo estabelecido e tranqüilo; por estas nossas Cartas Patentes, Nós graciosamente aceitamos seus humildes e bem intencionados Desejos e com eles concordamos;

E portanto, por Nós, nossos Herdeiros, e Sucessores, CONCEDEMOS e concordamos que os ditos *Sir Thomas Gates, Sir George Somers, Richard Hackluit e Edward-Maria Wingfield*, Aventureiros da nossa Cidade de *Londres*, e todos os outros que se juntaram ou se juntarem a eles nessa Colônia, sejam chamados a *primeira Colônia*; E deverão e poderão começar sua dita primeira Plantação e Habitação em qualquer Lugar da dita Costa da *Virgínia* ou *América*, que julgarem apropriado e conveniente, entre os ditos quatro e trinta e um e quarenta Graus da dita Latitude; e terão todas as Terras ... da dita primeira Sede da sua Plantação e Habitação pelo Espaço de cinqüenta Milhas *Inglesas*, ao longo da dita Costa da *Virgínia* e da *América* no rumo do *Oeste* e do *Sudoeste*, ou no rumo do Norte, de acordo com a Costa ... E bem assim todas as Terras ... a partir das mesmas cinqüenta Milhas por toda a Costa Marítima, diretamente no interior do Continente pelo Espaço de aproximadamente cem Milhas *Inglesas*; E deverão e poderão habitar e permanecer ali; e deverão e poderão também construir e fortificar o interior do mesmo, para sua melhor Salvaguarda e Defesa, de acordo com sua melhor Discrção, e a Discrção do Conselho da Colônia, ...

E CONCEDEMOS e concordamos igualmente ... que os ditos *Thomas Hanham e Raleigh Gilbert, William Parker e George Popham*, e todos os outros da Cidade de *Plimouth* no Condado de *Devon*, ou alhures, que se juntaram, ou se juntarem, a eles nessa Colônia, sejam chamados a *segunda Colônia*; e que eles deverão e poderão começar sua dita Plantação e Sede do seu primeiro Domicílio e Habitação, em qualquer Sítio da dita Costa da *Virgínia* e *América*, que julgarem apropriado e conveniente, entre oito e trinta Graus da dita Latitude e cinco e quarenta Graus da mesma Latitude, ...

E também ordenamos, estabelecemos e concordamos, ... que cada uma das ditas Colônias tenha um Conselho, que governará e ordenará todos os Assuntos e Causas, que surjam, cresçam ou sucedam dentro das mesmas diversas Colônias, de acordo com as Leis, Ordenações e Instruções ... e serão, com essa finalidade, dadas e assinadas por Nossa Mão ou Assinatura do nosso Próprio Punho, e passadas sob o Selo Privado do nosso Reino da Inglaterra; Cada um desses Conselhos se comporá de treze Pessoas, que serão escolhidas, investidas em suas funções e afastadas, de tempos a tempos, segundo o que for ordenado e compreendido nas mesmas instruções. ...

E também haverá um Conselho estabelecido aqui na Inglaterra, que consistirá, de idêntica maneira, em treze Pessoas, as quais, para esse Propósito, serão nomeadas por Nós; ... E será chamado nosso Conselho da *Virgínia*; E terá periodicamente, a Administração e a Direção superiores, apenas dos Assuntos que digam ou possam dizer respeito ao Governo, bem como das ditas Colônias, bem como de qualquer outra Parte ou Sítio, dentro das supramencionadas áreas de quatro e trinta e cinco e quarenta Graus, acima referidos. ...

E, além disso, CONCEDEMOS ... que os ditos Conselhos, das ditas Colônias, poderão legalmente, em Virtude desta Carta, de tempos a tempos, sem qualquer Interferência de Nossa Parte, ... receber e dar Ordem para cavar, minerar e procurar todos os tipos de Minas de Ouro, Prata e Cobre, bem como dentro de qualquer parte das ditas Colônias, como no dito Continente no Interior das mesmas Colônias. ... ENTREGANDO, por conseguinte, a Nós ... somente a quinta parte de todo o Ouro e Prata, e a décima quinta parte de todo o Cobre conseguido ou havido. ...

E também ... DECLARAMOS ... que todas as Pessoas, sendo nossos Súditos, que morarem ou habitarem no interior de qualquer uma das ditas Colônias e Plantações, e cada um dos seus filhos, que nascerem dentro dos Limites e Áreas das ditas Colônias ou Plantações, TERÃO e gozarão todas as Liberdades, Franquias e Imunidades, dentro de qualquer outro Domínio Nosso, para todos os nossos Intentos e Propósitos, como se estivessem morando ou tivessem nascido dentro deste nosso Reino da Inglaterra, ou de qualquer outro de nossos ditos Domínios. ...

E, finalmente ... CONCEDEMOS e concordamos com o dito *Sir Thomas Gates* ... e todos os outros da dita primeira Colônia ..., mediante Petição nesse Sentido que será feita, ... em DAR e CONCEDER a tais Pessoas, seus Herdeiros e Cessionários, como o Conselho dessa Colônia, ou sua Maioria, para esse Propósito indicará e atribuirá, todas as Terras, Bens Imóveis e Bens Transmissíveis, que estiverem dentro dos Limites estabelecidos para essa Colônia, como já foi dito acima, PARA SER HAVIDO de Nós, de nossos Herdeiros, e Sucessores, como de nosso Feudo em *East-Greenwich* no Condado de *Kent*, somente em feudo franco, e sem troca de serviços militares: ...

## “HISTÓRIA GERAL DA VIRGÍNIA; O QUARTO LIVRO”, DE SMITH \* (1624)

Este livro, que descreve algumas tribulações dos colonos ingleses na Virgínia, consiste numa série de relatos ou narrativas feitas por vários indivíduos com numerosas interpolações do Capitão John Smith. A “História” muitas vezes não merece fé, pois os autores eram tendenciosos e, não raro, desinformados, ao passo que Smith se interessava principalmente em defender e glorificar a parte que desempenhara nos acontecimentos. Apesar dos defeitos, o livro continua sendo um manancial indispensável aos estudiosos da primitiva história americana.

*Para tornar manifesto o Verdadeiro Registro da História em 1609, precisamos acompanhar os exames do Doutor Simons, e duas duntas Orações publicadas pela Companhia; com a narração do Excelentíssimo Lorde De la Ware.*

*O que aconteceu no primeiro governo depois da alteração, ao tempo do Capitão George Piercie, seu Governador.*

\* Lyon G. Tyler, organizador, *Narratives of Early Virginia, 1606-1625* [Narrativas da Virgínia Primitiva, 1606-1625] (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1907; Barnes and Noble, 1946), pp. 249 e seguintes.

Na véspera do dia em que o Capitão Smith voltou à Inglaterra com os navios, o Capitão Davis chegou numa pequena Pinace, com mais dezesseis homens apropriados. A estes se acrescentou uma companhia de Jamestown, sob o comando do Capitão John Sickelmore, aliás Ratliffe, a fim de habitar Point Comfort. Tendo perdido seus barcos e quase a metade dos seus homens entre os Selvagens, retornaram a Jamestown; pois, tanto que souberam da partida de Smith, todos os Selvagens se revoltaram, saqueando e matando quantos encontraram.

Éramos todos obrigados a viver apenas do que Smith guardara para a sua Companhia, pois os demais haviam consumido suas porções. E agora eles tinham vinte Presidentes com todos os seus pertences: o Comandante Piercie, nosso novo Presidente, estava tão mal que não podia ir nem ficar. Mas antes que tudo se consumisse, o Capitão West e o Capitão Sickelmore, cada qual com um naviozinho e trinta ou quarenta homens bem equipados, procuraram comerciar em toda parte. Confiado em Powhatan, com mais trinta outros tão descuidados quanto ele, Sickelmore foi morto com todos os seus; somente Jeffrey Shortridge escapou; e Pokahontas, a filha do Rei, salvou um menino chamado Henry Spilman, que viveu por muitos anos ainda, graças a ela, entre os Patawomekes. Além disso, Powhatan, tanto que encontrou meios, cortou-lhes os Botes, negou-lhes comércio: de modo que o Capitão West se fez de vela para a Inglaterra. Todos descobrimos, então, o desaparecimento do Capitão Smith, e seus maiores detratores puderam maldizer-lhe a perda: quanto à provisão e contribuição de milho dos Selvagens, nada recebemos senão ferimentos mortais produzidos por maças e flechas; quanto aos nossos Porcos, Frangos, Cabras, Carneiros, Cavalos, ou o que quer que vivesse, eram diariamente consumidos pelos nossos comandantes, funcionários e pelos Selvagens, e nós mesmos só às vezes provávamos um pedacinho, até que tudo foi devorado; negociamos então espadas, armas, peças, ou qualquer coisa, com os Selvagens, cujos dedos cruéis tão amiúde se empapavam em nosso sangue que, em consequência da crueldade deles, da indiscrição dos nossos Governadores e da perda dos nossos navios, de quinhentos que éramos, seis meses depois da partida do Capitão Smith, já não passávamos de sessenta homens, mulheres e crianças, miserabilíssimas e pobríssimas criaturas; que se preservaram, em sua maior parte, à custa de raízes, ervas, bolotas, nozes, frutas e, de vez em quando, um peixinho: os que tinham fécula nessas extremidades, não faziam pequeno uso dela; sim, até das peles dos nossos cavalos. Tão grande era a nossa fome, que um Selvagem que matamos e enterramos, foi desenterrado de novo e comido pelos mais pobres; e o mesmo fizeram diversos com outro, que ferveram e cozinham com raízes e ervas: e um dos restantes matou a esposa, reduziu-a a pó, e já tinha comido parte dela quando o fato veio a público; e pouco depois dele foi executado, como bem merecia sê-lo: agora, se ela seria melhor assada, cozida ou grelhada, eu não sei; mas confesso que esposa em pó é um prato de que nunca ouvi falar. Assim foi aquele tempo, a que até hoje chamamos o tempo da fome; seria demasiado nojento contar, e demasiado difícil acreditar, o que então sofremos: mas a culpa foi toda nossa, por falta de providência, indústria e governo, e não por infecundidade e defeito da Terra, como geralmente se supõe; visto que até então, em três anos, pois os números nos foram fornecidos, não tínhamos recebido da Inglaterra provisão suficiente sequer para seis meses, embora parecesse, pelos conhecimentos de embarque, que nos fora mandado o bastante, tão glutão é o Mar, e tão bons sujeitos são os Marinheiros; tão pouco provamos da grande porção que nos foi mandada, quanto eles da nossa precisão e das nossas misérias, embora eles controlassem e dirigissem o negócio, e nós suportássemos tudo o que foi dito e vivêssemos sobretudo do que fornecia naturalmente a boa Terra. Entretanto, ainda que tivéssemos estado

no próprio Paraíso com esses Governadores não teríamos passado muito melhor; no entanto, havia entre nós os que tinham assumido o governo como o Capitão Smith indicara, mas não puderam conservá-lo, pois nos teriam sem dúvida preservado desses extremos de misérias. E se isso houvesse durado mais dez dias, ter-nos-ia liquidado a todos com a morte.

Mas Deus, que não queria que esta Terra continuasse sem ser plantada, mandou *Sir Thomas Gates* e *Sir George Sommers* com cento e cinquenta homens felicissimamente preservados das Bermudas para preservar-nos: estranho é dizer quão milagrosamente se resguardaram num navio que fazia água, como podereis ler, com todos os pormenores, na História, que se segue, daquelas Ilhas. . . .

*O governo voltou de novo para Sir Thomas Gates, 1611.*

Tendo sido recebidos esses dignos Cavaleiros, depois das suas saudações de boas-vindas, *Sir Thomas Dale* inteirou-o do que havia feito, e do que tencionava fazer: projeto esse que *Sir Thomas Gates* aprovou, fornecendo-lhe trezentos e cinquenta homens, que ele mesmo escolheu. No princípio de setembro de 1611, o primeiro se fez à vela e chegou onde pretendia construir sua nova cidade: em dez ou doze dias cercou-a com uma paliçada e, em honra do nosso nobre Príncipe Henrique, chamou-lhe Henrico. O seu trabalho seguinte foi construir em cada canto da Cidade uma alta e imponente Casa de Guarda, uma Igreja e Armazéns: terminados os quais, entrou a pensar em casas convenientes para si e para os homens, que ergueu com toda a rapidez que lhe foi possível, para gáudio de sua companhia, e de toda a Colônia.

Esta cidade está situada num istmo de terra plana que se eleva, cercado de três lados, pelo rio Maine, e bem rodeado de uma paliçada, o que faz que ele se pareça com uma Ilha; tem três ruas de casas bem travejadas, uma bonita Igreja, e os alicerces de uma melhor assentada (para ser construída de Tijolos), além de Armazéns, Casas de Guarda, e quejandas. A beira do rio há cinco casas, onde vivem as pessoas mais honestas, como os Fazendeiros na Inglaterra, que montam guarda contínua para a segurança da cidade. A umas duas milhas de distância da cidade, ao longo do curso do Maine, outra paliçada, de quase duas milhas de comprimento, de rio a rio, é defendida por vários Comandantes, com grande quantidade de terras de milho cercadas, suficientemente segura para manter mais do que imagino que virá nestes três anos.

Do outro lado do Rio, para a segurança da cidade, pretende-se erguer uma paliçada capaz de garantir os nossos Porcos, de cerca de duas milhas e meia, com o nome de Esperança na Fé e Coxendale, garantida por cinco dos nossos Fortes, que são apenas Paliçadas, chamados *Charitie Fort*, *Mount Malado* (uma hospedaria para pessoas doentes) situado no alto e onde se respira um ar salubre, *Elisabeth Fort* e *Fort Patience*: E aqui Mestre *Whitaker* escolheu o local do seu Presbitério, rodeou de paliçadas um Presbitério bem travejado, e uma centena de acres chamados *Rocke hall*, mas estes não estão nem terminados pela metade.

Mais ou menos depois do Natal, nesse mesmo ano de 1611, em atenção à injúria que nos foi feita pelos *Apamatuck*, *Sir Thomas Dale*, sem perder ninguém, a não ser alguns Selvagens, tomou-lhes o Milho, plantado apenas a cinco milhas, por terra, de Henrico: e considerando o quanto isso pode ser conveniente para nós, resolveu ficar com ele e plantá-lo, e no mesmo instante lhe chamou *Novas Bermudas*; . . . Começou a plantar primeiro na parte baixa; pois ali está a melhor terra de Milho, e com uma paliçada de duas milhas, cortada de Rio a Rio, por cujo intermédio asseguramos oito milhas inglesas de circunferência: nesse circuito, a menos de meia milha uma da outra, há muitas casas bonitas já construídas; além

de casas de homens particulares, cujo número chega quase a cinqüenta. Rochdale, por uma paliçada cruzada de quase quatro milhas de comprimento, também está cheia de casas ao longo da estacada, e nessa área nossos Porcos e nosso Gado têm um circuito de vinte milhas para pastar com toda a segurança. A construção da Cidade deverá continuar até o começo da nossa colheita, em que *Sir Thomas* pretende fazer um refúgio contra qualquer inimigo estranho.

A umas cinqüenta milhas dali está Jamestown, sobre uma fértil *península*, a qual, se bem outrora malfadada pelo ar insalubre, nos pareceu tão sadia quanto qualquer outra parte do País; tem duas fieiras de casas de troncos travejadas, algumas de dois andares e encimadas de uma água-furtada, três grandes Armazéns juntos um do outro no sentido do comprimento, e foi, recentemente, rodeada de forte paliçada. Essa Ilha, e grande quantidade de terra à sua volta são muito habitadas. Até Kecoughtan contamos quarenta milhas, onde eles vivem bem com metade da cota que os demais recebem do armazém, por causa da extraordinária quantidade de Peixes, Aves e Veados; como se pode ler com minúcias nos Descobrimientos do Capitão Smith. E assim vos relatei veridicamente o estado atual da pequena parte da Virgínia que nós freqüentamos e possuímos.

Visto que havia um navio equipado com provisões e quarenta homens; e outro desde então com o mesmo número de homens e provisões, para ficar doze meses no País, com o Capitão Argall, que foi mandado não muito depois. Depois de haver ele recriado e restaurado sua Companhia, foi enviado para o rio Patawomeake, a fim de mercar Trigo: os Selvagens que viviam perto de nós formavam um pequeno grupo, mas eram amigos ou inimigos conforme se lhes afigurava vantajoso e oportuno. Mas para concluir nossa paz, aconteceu o seguinte: Tendo o Capitão Argall travado conhecimento com Japazaws, velho amigo do Capitão Smith e, portanto, de toda a nossa Nação, desde que ele descobriu o País, ouviu dizer que com ele estava Pocahontas, que os Parentes do Capitão Smith intitulavam a Fênix da Virgínia e, embora ela tivesse sido muitas vezes protetora dele e de toda a Colônia, até esse acidente nunca foi vista em Jamestown desde a sua partida. Estando em Patawomeke, segundo parece, onde se julgava desconhecida, foi facilmente persuadida pelo seu amigo Japazaws a ir a bordo em companhia dele e da esposa para visitar o navio: pois o Capitão Argall dissera a Japazaws que lhe daria uma Chaleira de Cobre se a trouxesse, prometendo não lhe fazer mal algum, mas guardá-la até poder concluir um tratado de paz com o pai dela: por essa Chaleira de Cobre o Selvagem teria feito qualquer coisa, segundo parecia ao Parente. E se bem a esposa já tivesse visto e visitado muitos navios, ele a obrigou a fingir-se muito desejosa de ver aquele, ameaçando surrá-la por sua importunação, até que ela desatou a chorar. Mas, por fim, ele concordou, dizendo que, se Pocahontas os acompanhasse, ele ficaria satisfeito; e, assim, conduziram aleivosamente a pobre e inocente Pocahontas a bordo, onde foram todos muito bem recebidos na Cabina. Japazaws pisava amide no pé do Capitão, para lembrar-lhe que havia feito a sua parte; ... Mandou-se imediatamente um mensageiro ao pai dela, para dizer-lhe que teria de resgatar sua filha Pocahontas, a quem tanto amava, devolvendo nossos homens, espadas, peças, instrumentos, etc., que atraçoadamente nos roubara.

Essas notícias tão aborrecidas perturbaram muito Powhatan, porque ele gostava tanto da filha quanto das nossas mercadorias mas, mesmo assim, levou três meses para mandar-nos uma resposta: depois, por alvitre do Conselho, devolveu sete dos nossos homens e, com cada um deles, um Mosquete imprestável, mandando-nos dizer que, quando lhe entregássemos a filha, dar-nos-ia satisfação de todos os agravos que nos fizera, e nos daria quinhentos alqueires de Milho, e

seria nosso amigo para todo o sempre. O que ele mandara, nós recebemos como parte de pagamento e lhe enviamos esta resposta: Que sua filha seria bem tratada; mas como não podíamos acreditar que o resto das nossas armas se houvesse perdido ou tivesse sido roubado, enquanto ele não mandasse tudo, ficaríamos com a moça.

Parece que essa resposta lhe desagradou profundamente, pois não tivemos notícias suas por muito tempo: eis senão quando, com o navio do Capitão Argalls e outros vasos pertencentes à Colônia, *Sir Thomas Dale*, com cento e cinqüenta homens bem apetrechados, subiu o próprio Rio de Powhatan, no rumo da sua principal habitação, com a filha dele. Os Índios nos receberam com muitas bravatas escarninhas, perguntando, orgulhosos, Por que tínhamos ido até lá; nossa resposta foi que tínhamos trazido a filha de Powhatan, e queríamos receber o resgate prometido, ou o tomaríamos à força. Nada assustados com isso, eles nos replicaram que éramos bem-vindos se tínhamos ido para lutar, pois estavam preparados para receber-nos: mas nos aconselhavam, se tínhamos amor às nossas vidas, a retirar-nos; de outro modo nos tratariam como haviam feito ao Capitão Ratcliffe: Nós lhes dissemos que teríamos, dali a pouco, uma resposta melhor; mas tanto que chegamos ao alcance dos tiros da praia, eles lançaram suas flechas contra nós no navio.

Tendo sido assim realmente provocados, nós, logo depois, saltamos para nossos Botes, descemos à praia, queimamos todas as suas casas e saqueamos tudo o que era deles e que pudemos encontrar; e, desse modo, no dia seguinte, subimos um pouco mais o Rio, onde eles nos perguntaram por que havíamos queimado suas casas, e nós lhes respondemos que fora porque eles nos haviam lançado suas flechas: Eles replicaram que devia ter sido algum Selvagem desgarrado, ajuntando muitas outras desculpas, visto que não nos queriam fazer mal algum, pois eram nossos amigos: Nós lhe dissemos que não tínhamos vindo para fazer-lhes mal, senão para visitá-los como amigos também. Por isso concluímos uma paz e eles, imediatamente, despacharam mensageiros para Powhatan; cuja resposta, segundo nos disseram, deveríamos esperar por vinte e quatro horas até que os mensageiros pudessem voltar: Em seguida nos contaram que nossos homens tinham fugido, com medo de que os enforcássemos, mas homens de Powhatan tinham saído atrás deles; quanto às nossas Espadas e Peças, ser-nos-iam trazidas no dia seguinte, o que era apenas um expediente para ganhar tempo; pois no dia seguinte elas não chegaram. Subimos então mais um pouco, até uma casa de Powhatan, chamada Matchot, onde vimos cerca de quatrocentos homens bem aparelhados, que nos desafiaram a descer à praia, o que fizemos; eles não deram nenhuma demonstração de medo, nem fizeram menção de resistir ao nosso desembarque, mas, caminhando atrevidamente de um lado para outro entre nós, pediram para conferenciar com o nosso Capitão, a respeito da sua vinda daquela maneira e de uma trégua até que pudessem mais uma vez mandar aviso ao seu Rei, a fim de conceder-lhe a vontade, e se esta não fosse conforme com a expectativa deles, lutariam conosco e defenderiam o que era deles como pudessem. O que era apenas para ganhar tempo, a fim de levar embora suas provisões; não obstante, nós lhes prometemos trégua até ao dia seguinte ao meio-dia, e, então, se quisessem lutar conosco, saberiam quando começaríamos pelo troar de nossos Tambores e Clarins.

Diante dessa promessa, dois filhos de Powhatan vieram ter conosco a fim de ver a irmã: a cuja vista, vendo-a bem disposta, embora tivessem ouvido notícias contrárias, muito se regozijaram, prometendo persuadir seu pai a resgatá-la e a ser nosso amigo para todo o sempre. E, dizendo isso, subiram a bordo conosco; e nós mandamos Mestre John Rolfe e Mestre Sparker a Powhatan, com a finali-

dade de inteirá-lo dos fatos; embora acolhidos cordialmente, não foram admitidos à presença de Powhatan, mas falaram com Opechancanough, seu irmão e sucessor, que se dispôs a interceder junto de Powhatan, para que tudo saísse bem. Assim, como estivéssemos no mês de abril, no momento de preparar nossa terra e semear nosso Milho, voltamos para Jamestown, prometendo esperar com paciência que eles cumprissem sua promessa até à próxima colheita.

Muito antes disso, Mestre John Rolfe, honesto Cavalheiro, e de bom proceder, estivera apaixonado por Pocahontas, e ela por ele: fato de que, nesse instante, dei conhecimento a *Sir Thomas Dale* por uma carta do Mestre John Rolfe, em que este lhe rogava o seu parecer, e ela informou disso seu irmão, resolução que *Sir Thomas Dale* aprovou: os rumores do casamento logo chegaram aos ouvidos de Powhatan, e dele foram aceitos, como se pôde inferir do seu súbito consentimento pois, no espaço de dez dias, enviou Opachisco, velho Tio dela, e dois filhos seus, para ver o estilo do casamento e fazer por ele o que lhes fosse solicitado, a fim de confirmá-lo, como seus deputados; o que nessa conofrmidade se fez, no primeiro dia de abril. E desde então temos tido trato e comércio amistosos com Powhatan e todos os seus súditos.

Além disso, por intermédio de Powhatan, fizemos uma liga com nossos vizinhos os *Chicahamánias*, povo robusto, atrevido e independente. Esse povo ... mandou dois mensageiros com presentes a *Sir Thomas Dale* ...

Quando chegou o dia marcado, *Sir Thomas Dale* e o Capitão Argall, com cinqüenta homens bem equipados, foram para Chikahamania, onde encontramos o povo esperando nossa chegada; trataram-nos com bondade e, na manhã seguinte, assentaram-se em conselho, para concluir sua paz nestas condições:

Primeira, eles seriam para sempre chamados ingleses, e seriam súditos autênticos do Rei Jaime e dos seus Representantes.

Segunda, não matariam nem dederiam nenhum de nossos homens, e nenhuma cabeça de nosso gado, mas os trariam para casa.

Terceira, estariam sempre prontos a fornecer-nos trezentos homens, contra os espanhóis ou quaisquer outros.

Quarta, não entrariam em nossas cidades, mas mandariam aviso de que são novos ingleses.

Quinta, todo combatente, no princípio da colheita, traria ao nosso depósito dois alqueires de Milho, à guisa de tributo, pelo que receberiam outras tantas Machadinhas.

Finalmente, os oito homens principais zelariam pelo cumprimento dessas condições, ou receberiam pessoalmente o castigo: por sua diligência cada qual ganharia um casaco vermelho, uma corrente de cobre, um retrato do Rei Jaime, e seria considerado seu Fidalgo.

Eles decidiram tudo isso com aprovação geral e um grande grito para confirmá-lo: depois, um dos velhos principiou uma Oração, dirigindo sua fala primeiro aos velhos, a seguir aos moços e, por fim, às mulheres e crianças, para fazê-los compreender quão rigorosamente teriam de observar tais condições, para que nós os defendéssemos da fúria de Powhatan, ou de qualquer outro inimigo, fosse ele qual fosse, e lhes fornecêssemos Cobre, Contas e Machadinhas: mas tudo isso era mais por medo de que Powhatan e nós, estando tão ligados uns aos outros, tornássemos a sujeitá-los a ele; para obviar ao que, preferiam ser nossos protegidos a ser atormentados por ele, a quem consideravam um Tirano. E, assim, tornamos outra vez a Jamestown.

Quando a nossa gente era sustentada pelo armazém comum, e todos trabalhavam juntos, alegre se sentia o que conseguia escapar ao serviço, ou modorrava quando devia estar executando sua tarefa, não lhe importando onde nem quando, sendo que o mais honesto dificilmente se daria a tanto trabalho numa semana quanto agora, trabalhando por conta própria, se dá num dia: tampouco se preocupavam eles com o acrescentamento, presumindo que, prosperasse ou não, a colheita, o depósito geral teria de sustentá-los de qualquer maneira, de modo que não colhíamos tanto Milho com o trabalho de trinta quanto três ou quatro colhem agora para si. Para obstar a isso, *Sir Thomas Dale* destinara a cada homem três Acres de terra limpa, à guisa de Fazendas, excetuando-se as Bermudas: isentando-os do trabalho comum, com exceção de um mês de serviço por ano, que não pode ser feito em época de sementeira nem de colheita; e pelo que, não pagavam outra taxa anual ao depósito, além de dois barris e meio de Milho. De todos esses Lavradores (o primeiro dos quais foi William Spence, homem honesto, valente, industrioso, que continuou desde 1607 até o dia de hoje) se espera tal contribuição para o depósito, visto que não a queremos para nós nem para sustentar nossos suprimentos; quanto aos demais, terão de trabalhar onze meses para o depósito, e só se lhes concede um mês para conseguir provisões que os mantenham durante doze, exceto dois alqueires de Milho, que tiram do armazém. Se eles podem viver assim, por que haveria alguém de ter medo de morrer de fome? É seria muito melhor negar passagem, antes que viessem, aos que não quisessem sujeitar-se a essas condições: pois tão-somente dos madraços e vadios derivaram as múltiplas imputações que Virgínia inocentemente tem sofrido; e, por conseguinte, eu impediria que aqui chegassem os que não suportam o trabalho, pois sofrerão muito castigo e penúria, se escaparem do escorbuto: mas para o industrioso há recompensa suficiente, e se alguém pensar que não há mais nada além de pão, eu o remeterei aos parentes de Smith que por primeiro descobriram a Região.

## A PRIMEIRA CARTA DE MASSACHUSETTS \* (4 de março de 1629)

Membros dos "Aventureiros de Dorchester", que fundaram uma colônia no cabo Ann em 1624, logo se descorçoaram com a tentativa de estabelecer uma base permanente para suas operações de pesca. Quando o grupo se dispersou em 1626 (alguns se mudaram para o sítio de Salém, outros regressaram à Inglaterra), John White, ministro puritano e membro da Companhia Dorchester original, formou a Companhia da Nova Inglaterra. Em 1628, a Companhia da Nova Inglaterra recebeu uma patente para a região em que hoje se ergue Boston e para a região circunvizinha. No ano seguinte, concedeu-se uma carta real à Companhia da Baía de Massachusetts, que sucedeu à Companhia da Nova Inglaterra.

\* Poore, *op. cit.*, I, 932 e seguintes.

Feito por ordem do tribunal, no dia 29 de agosto de 1629.

Richard Saltonstall	Tho: Sharp
Tho: Dudley	Increase Nowell
William Vassall	John Winthrop
Nicko: West	Will: Pinchon
Isaak Johnson	Kellam Browne
John Humfrey	William Colbron

**Carta de Liberdades e Isenções concedidas aos "Patroons" (1629).** Carta que autorizava a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais a conceder terras a indivíduos que transportassem cinquenta ou mais adultos à Nova Neerlândia. Os *patroons*, que assim se chamavam os recipientes dessas concessões, recebiam terras com dezesseis milhas de frente para rios navegáveis. Eram-lhes concedidos também direitos feudais.

### **"HISTÓRIA DA PLANTAÇÃO DE PLYMOUTH", DE BRADFORD \***

**(Escrita entre 1630 e 1648; publicada pela primeira vez nas "Atas" de 1856 da Sociedade Histórica de Massachusetts)**

William Bradford, natural de Yorkshire, que se juntou à igreja Separatista em Scrooby quando ainda menino, era membro do grupo que migrou para a Holanda e depois se fez de vela para a América no *Mayflower*. Eleito governador da Colônia de Plymouth em 1621, ocupou o cargo apenas por breves e infrequentes intervalos até sua morte, ocorrida em 1657. Sua narrativa, da qual é tirado o trecho que se segue, proporciona manancial valiosíssimo para a história da colônia.

... depois de passar longo tempo no mar, toparam com a terra chamada Cabo Cod; a qual, tendo sido encontrada e reconhecida com certeza, os encheu de contentamento. Depois de terem deliberado um pouco entre si e com o capitão do navio, viraram de bordo e resolveram rumar para o sul (sendo o vento e o tempo favoráveis) a fim de encontrar algum lugar à beira do rio Hudson para sua habitação. Mas depois de terem singrado nesse rumo durante metade do dia, viram-se no meio de perigosas e atreadoras ondas de rebentação, e estavam ali tão embaraçados que se supunham em grande perigo; e como o vento, por outro lado, deixasse de soprar sobre eles, resolveram rumar de novo para o Cabo e julgaram-se felizes por safar-se desses perigos antes que a noite os alcançasse, o que, querendo a providência de Deus, conseguiram. E no dia seguinte entraram no fundeadouro do Cabo, onde ficaram em segurança ...

\* William T. Davis, organizador, *Bradford's History of Plymouth Plantation, 1606-1646* [*História da Plantação de Plymouth, 1606-1646, de Bradford*] (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1907; Barnes and Noble, 1946), pp: 94 e seguintes.

Tendo assim chegado a bom porto e desembarcado seguros em terra, caíram de joelhos e deram graças a Deus do céu, que os trouxera por sobre o vasto e furioso oceano, e os livrara de todos os perigos e misérias dele, para que pudessem novamente pôr os pés em terra firme e estável, seu elemento mais próprio. E não admira qu se sentissem tão alegres, já que o sábio Sêneca ficou impressionadíssimo por ter velejado umas poucas milhas ao longo da costa da sua própria Itália; como ele afirmou, preferia permanecer vinte anos viajando em terra, a ir por mar de um lugar a outro em curto espaço de tempo; tão tedioso e terrível lhe era o mesmo.

Mas aqui não posso menos de deter-me e fazer uma pausa meio pasmado diante da situação atual dessa pobre gente; e assim penso eu ficará também o leitor quando a tiver considerado. Tendo desta sorte atravessado o vasto oceano, e um mar de incômodos na preparação da viagem (como pode ser lembrado pelo que aconteceu antes), agora não tinham amigos para dar-lhes as boas-vindas, nem estalagens para alimentar ou restaurar seus corpos curtidos pelas intempéries, nem casas e muito menos cidades onde pudessem buscar socorro. Está registrado nas escrituras como favor do céu ao apóstolo e seus companheiros náufragos, que os bárbaros os trataram com bondade restaurando-lhes as forças, mas estes bárbaros selvagens, quando se encontravam com eles (como se verá mais tarde) estavam mais prontos a encher-lhes as ilhargas de flechas do que de outra coisa qualquer. Acresce que a estação era inverno, e os que conhecem os invernos desse país sabem-nos ásperos e violentos, sujeitos a cruéis e ferozes tormentas, perigosas para as viagens aos sítios conhecidos e com muito maior razão para as buscas de uma costa desconhecida. Além disso, que mais poderiam ver além de um ermo desolado e medonho, cheio de feras selvagens e homens selvagens? Nem sabiam as multidões que deles poderia haver. Tampouco poderiam, por assim dizer, subir ao topo de Pisgah, a fim de contemplar, desse descampado, uma região mais atraente que lhes alimentasse a esperança, visto que, para onde quer que voltassem os olhos (a não ser que os voltassem para cima, para o céu) encontravam escasso alívio ou contentamento no que diz respeito a objetos exteriores. Pois, tendo acabado o verão, todas as coisas olhavam para eles com o rosto castigado pelas intempéries; e toda a área, cheia de matas e balças, representava uma visão selvagem e bravía. Se olhassem para trás, veriam o imenso oceano que tinham atravessado, e era agora uma barreira principal e um sorvedouro a separá-los de todas as partes civilizadas do mundo. Era verdade que tinham um navio para socorrê-los; mas que era o que ouviam todos os dias do capitão e da companhia? Que rapidamente deveriam procurar um lugar com sua chalupa, onde ficassem a uma distância pequena; pois a estação se apresentava de tal maneira que ele não se moveria dali enquanto eles não descobrissem um ponto seguro onde pudessem ficar e aonde ele pudesse ir sem perigo; e que os víveres se consumiam depressa, mas ele precisava guardar e guardaria o suficiente para seus homens e seu retorno. Alguns chegaram a murmurar que, se eles não achassem um lugar a tempo, seriam forçados a descer à praia com os seus pertences e ali deixá-los. Considerem-se também as fracas esperanças de suprimento e socorro que ficavam para trás, que poderiam sustentar-lhes o espírito nessa triste situação e nas provações a que eram submetidos; e elas não poderiam deixar de ser muito pequenas. ... Que era agora o que podia sustentá-los senão o espírito de Deus e sua graça? ...

*Que mostra como eles procuraram um local de habitação, e o que lhes sucedeu nas imediações.*

TENDO assim chegado ao Cabo Cod no dia 11 de novembro, e a necessidade obrigando-os a procurar um local de habitação, (bem como a importância dos

mestres e marinheiros), e tendo eles trazido uma grande chalupa da Inglaterra, estivada na albeta do navio, tiraram-na dali e puseram seus carpinteiros a trabalhar para arrumá-la; mas estando ela muito avariada e danificada pelos movimentos do navio durante o mau tempo, viram que demorariam muito para repará-la. Diante disso, uns poucos dentre eles se prontificaram a ir por terra e descobrir os sítios mais próximos enquanto a chalupa estivesse sendo consertada; mas porque, quando entraram naquele fundeadouro, parecia existir ali uma abertura de umas 2 ou 3 léguas, que o mestre julgou ser um rio, imaginou-se que pudesse haver algum perigo na tentativa; entretanto, como se mostrassem resolutos, acabaram obtendo permissão para ir, em número de 16, bem armados, sob o comando do Capitão Myles Standish, e com as instruções que se julgou apropriado dar-lhes. Partiram no dia 15 de novembro; e tendo marchado mais ou menos pelo espaço de uma milha ao longo do litoral, avistaram 5 ou 6 pessoas com um cachorro que vinham na direção deles e que eram selvagens; mas estes fugiram à sua aproximação e correram para o mato, seguidos pelos ingleses, que desejavam, em parte, ver se poderiam falar com eles e, em parte, descobrir se não haveria um número maior deles armando uma emboscada. Vendo-se, porém, assim perseguidos, os índios tornaram a abandonar o mato e correram pela areia tão depressa quanto puderam, de modo que os ingleses não lograram alcançá-los, mas seguiram-lhes as pegadas por várias milhas e viram que eles tinham vindo pelo mesmo caminho. Destarte, chegada a noite, fizeram seu ponto de concentração, espalharam suas sentinelas e descansaram em paz naquela noite; na manhã seguinte, seguiram-lhes a pista até uma grande enseada, onde deixaram a areia e entraram no mato por outro caminho. Mas continuavam a segui-los por palpites, na esperança de encontrar suas habitações; logo, porém, perderam tudo, perdendo os selvagens e a si mesmos, caindo em balças tão cerradas que pouco faltou para fazerem em pedaços suas roupas e suas armas, e sentindo-se ainda mais atormentados pela sede. Mas, afinal, encontraram água e refrescaram-se, sendo essa a primeira água da Nova Inglaterra que beberam e que lhes pareceu, então, na sua grande sede, tão agradável quanto o vinho ou a cerveja em outras ocasiões. Mais tarde, dirigiram o seu curso para chegar à outra margem, pois sabiam que deviam atravessar um istmo de terra e, assim, finalmente, chegaram à praia, de onde marcharam para o suposto rio, e passaram de caminho por uma lagoa de água clara e doce e, pouco depois, por uma boa quantidade de chão limpo, onde os índios, em outro tempo, haviam plantado milho e aberto algumas sepulturas. E, continuando, viram restolhos novos, onde o milho fora plantado naquele mesmo ano, e encontraram o sítio onde recentemente houvera uma casa e ainda havia algumas pranchas e uma grande chaleira, e montes de areia recentemente feitos com as mãos, que eles cavaram, encontrando neles grandes cestos índios cheios de milho, e alguns em espigas, avantajadas e boas, de diversas cores, o que lhes pareceu um espetáculo muito bonito (pois não tinham visto nada parecido até então). Isto ocorreu perto do lugar do suposto rio que tinham vindo procurar, e para o qual se dirigiram, encontrando-o aberto em 2 braços com um alto monte de areia na entrada, porém mais parecidos com as angras de água salgada do que com as de água doce, pelo que tinham visto; e pareceu-lhes que ali estava um bom abrigo para a sua chalupa; mas deixaram para explorá-lo mais tarde, quando a chalupa estivesse pronta. Assim, tendo expirado o tempo de que dispunham, voltaram ao navio a fim de não recear pela própria segurança; e levaram parte do milho, enterrando o resto, como os homens da Escola levaram consigo os frutos da terra, e os mostraram a seus irmãos; do que, e do seu retorno, se sentiram eles maravilhosamente alegres, animando-se-lhes os corações. . . .

Tendo-se passado o mês de novembro nesses assuntos, e tendo-se instalado um tempo muito ruim, no dia 6 de dezembro eles mandaram de novo a chalupa com 10 dos homens principais e alguns marinheiros, em missão de novos reconhecimentos, tencionando contornar a profunda baía do Cabo Cod. O tempo estava muito frio, e quando os borrifos do mar lhes atingiam os casacos, os homens se viam cobertos de gelo, como se tivessem sido vidrados; nessa noite, porém, logo chegaram ao fundo da baía e, quando já estavam perto da praia, viram uns 10 ou 12 índios muito atarefados fazendo qualquer coisa. Desembarcaram a uma ou 2 léguas de distância e, de qualquer maneira, tiveram muito trabalho para abeirar-se da praia, tantos baixios havia de permeio. Tendo desembarcado, fez-se tarde, e eles ergueram uma barricada com troncos de árvores e galhos tão bem quanto lhes foi possível no tempo de que dispunham, indicaram uma sentinela e aconselharam os outros a descansar, vendo a fumaça da fogueira que os selvagens fizeram naquela noite. De manhã, dividiram a companhia, indo alguns para a costa ao longo da praia, no bote, e o resto marchando através do mato, a fim de conhecer a terra e ver se havia algum lugar apropriado para morar. . . . Andaram de um lado para outro naquele dia todo, mas não encontraram ninguém nem lugar algum que lhes agradasse. Quando o sol baixou, apressaram-se a sair do mato a fim de encontrar-se com a chalupa, à qual fizeram sinais para que viesse buscá-los numa angrazinha ali perto, o que foi feito em plena preamar; com o que muito se alegraram, pois não se tinham visto durante o dia todo, desde a manhã. Ergueram uma barricada (como costumavam fazer todas as noites) com troncos, estacas e grossos galhos de pinheiros, até à altura de um homem, deixando-a aberta do lado abrigado do vento, em parte para defendê-los do frio e do vento (fazendo a fogueira no meio e deitando-se à roda dela), e em parte, para defender-se de quaisquer ataques súbitos dos selvagens, se estes viessem a cercá-los. E como estivessem muito cansados, ordenou-se-lhes que descansassem. Por volta da meia-noite, porém, ouviram um grito grande e medonho, e a sentinela gritou “Às armas, às armas!”; de sorte que se puseram em movimento e ergueram-se com as armas na mão, e deram uns tiros de mosquete, e os barulhos cessaram. Concluíram que se tratava de uma alcatéia de lobos, ou de um bando de outras feras do mesmo gênero; pois um dos marinheiros lhes contou que ouvira muitas vezes um barulho parecido na Terra-Nova. Por isso descansaram até mais ou menos 5 horas da manhã; pois a maré, e a intenção deles de sair dali puseram-nos em atividade desde cedo. Assim, após a oração, prepararam-se para o desjejum e, como a aurora já despontasse, julgaram ser melhor ir levando as coisas para o bote. . . . Logo, porém, num súbito, ouviram grande e estranho alarido, que souberam ser as mesmas vozes que tinham ouvido durante a noite, embora variassem suas notas. Um da companhia, que estava fora da barricada, chegou correndo e gritando, “Homens, índios, índios!”; e, além disso, as flechas dos selvagens passaram voando entre eles. Os homens correram com toda a velocidade para recuperar suas armas, o que fizeram graças à boa providência de Deus. Entrementes, dentre os que ali estavam prontos, dois mosquetes foram disparados contra os atacantes, e mais 2 ficaram preparados na entrada da concentração, mas receberam ordens de não atirar enquanto não pudessem fazer pontaria direito; e as outras 2 foram recarregadas à pressa, porque só 4 tinham armas ali, e defenderam a barricada atacada primeiro. O grito dos Índios era medonho, especialmente quando viram os homens correndo para a chalupa, a fim de recuperar suas armas, enquanto os índios davam voltas em torno deles. Mas como alguns sássem correndo protegidos por cotas de malha e empunhando espadas de abordagem, logo pegaram suas armas, e fizeram fogo entre os índios, e lhes reprimiram a violência. . . .

Quando alguns guardando a chalupa, seguiram-nos pelo espaço de um quarto de milha, gritaram uma ou duas vezes, deram 2 ou 3 descargas e depois regressaram. E isso fizeram para mostrar aos selvagens que não lhes tinham medo nem estavam descorçoados. . . . Mais tarde, renderam solenes graças a Deus pela sua libertação, reuniram um feixe das flechas dos índios e remeteram-nos para a Inglaterra aos cuidados do capitão do navio, dando àquele lugar o nome de primeiro encontro. Dali partiram e costearam toda a praia, mas não avistaram sítio algum que se apropriasse a um abrigo; apressaram-se, portanto, a ir para um lugar onde o seu piloto (certo sr. Coppin, que já estivera antes naquela região) lhes assegurou que havia um bom ancoradouro, em que estivera, e que poderiam encerrar. Depois de velejarem por algumas horas, principiou a nevar e a chover e, por volta do meio da tarde, o vento aumentou, o mar tornou-se agitado, eles quebraram o leme, e foram precisos 2 homens para dirigir a chalupa com um par de remos. Mas o piloto pediu-lhes que se regozijassem, pois avistara o ancoradouro; como, porém, a fúria da tempestade aumentasse e a noite se aproximasse, içaram a vela para entrar, enquanto podiam enxergar. Com isto, porém, quebraram o mastro em 3 pedaços, e a vela caiu ao mar, um mar muito grosso, de modo que eles se viram arriscados a ser lançados à água; entretanto, mercê de Deus, recobraram-se e, tendo por si a maré cheia, entraram no ancoradouro. Quando, contudo, chegaram mais perto, o piloto percebeu que se enganara, e pediu ao Senhor que deles se apiedasse, pois seus olhos nunca tinham visto o lugar até aquele momento; e tanto ele quanto o imediato do capitão já se dispunham a tentar conduzir a chalupa à praia numa calheta cheia de baixios, com o vento pela popa. Mas um robusto marinheiro que dirigia o barco pediu aos que remavam que, se fossem homens, o tirassem dali pois, do contrário, seriam todos arremessados à água; o que fizeram à pressa. E rogou-lhes que se animassem e remassem com vontade, pois havia um largo canal à sua frente, e ele não tinha dúvida de que acabariam encontrando um sítio qualquer em que poderiam entrar com segurança. E embora estivesse muito escuro, e chovesse a cântaros, acabaram chegando ao local de sotavento de uma ilhazinha, onde passaram a noite em segurança. Mas só souberam que se tratava de uma ilha na manhã seguinte, quando estavam divididos em suas intenções; alguns queriam permanecer no barco, temendo achar-se entre os Índios; outros se sentiam tão fracos que, não podendo permanecer no bote, desembarcaram e, com muita dificuldade, fizeram uma fogueira, (pois todas as coisas estavam muito molhadas), e os restantes se alegraram por ir ter com eles; pois, após a meia-noite, tendo mudado o vento e passado a soprar de noroeste, o frio aumentou. Mas embora o dia e a noite tivessem sido de muito trabalho e perigo para eles, Deus lhes deu uma manhã de conforto e refrigério (como costuma fazer com seus filhos), pois o dia seguinte foi um lindo dia de sol, e eles se viram numa ilha, a salvo dos Índios, onde poderiam secar suas coisas, consertar suas peças e descansar, dando graças a Deus por suas mercês e variadas libertações. E sendo aquele o último dia da semana, ali se prepararam para guardar o Sábado. Na segunda-feira sondaram o ancoradouro e acharam-no adequado à navegação; e, marchando para o interior da terra, \* toparam com diversos campos de trigo, pequenos riachos e um lugar (segundo lhes pareceu) apropriado à situação: pelo menos, foi o melhor que conseguiram encontrar, e a estação e suas necessidades presentes os levaram a aceitá-lo com alegria. Assim, tornaram

\* O desembarque em Plymouth Rock do grupo da chalupa a 11 de dezembro, O.S.; o desembarque histórico deu-se em 21 de dezembro, N.S.

a voltar para bordo do navio com essas notícias, que muito contribuíram para confortar os corações de todos.

No dia 15 de dezembro levantaram ferro a fim de ir para o sítio que tinham descoberto, mas só chegaram a uma distância de 2 léguas; todavia, dispuseram-se a persistir na tentativa; e no dia 16, soprando o vento favorável, chegaram a salvo ao ancoradouro. E depois que tiveram uma visão melhor do local, escolheram o lugar onde erguer sua morada; e no dia 25 principiaram a construir a primeira casa para uso comum a fim de recebê-los e aos seus pertences. . . .

*O restante do ano de 1620.*

VOLTAREI um pouco para trás e começarei com uma combinação feita por eles antes de desembarcarem, sendo ela o primeiro passo para o seu governo no lugar; ocasionada em parte pelos discursos descontentes e sediciosos que alguns estranhos entre eles tinham proferido no navio — Que quando chegassem à praia fariam uso da própria liberdade; pois ninguém tinha poder para comandá-los, já que a patente que detinham se referia à Virgínia e não à Nova Inglaterra, que pertencia a outro Governo, com o qual a Companhia da Virgínia não tinha relação alguma. E em parte porque um ato dessa natureza como o que fora executado por eles (considerando-se a sua condição) poderia ser tão firme quanto qualquer patente e, em certos sentidos, mais seguro.

A forma era a seguinte.

Em nome de Deus, Amém. Nós, os abaixo-assinados, súditos leais de nosso augusto Senhor, Rei Jaime, pela graça de Deus, rei da Grã-Bretanha, França e Irlanda, defensor da fé, etc., tendo compreendido, para a glória de Deus e avanço da fé Cristã, e honra de nosso rei e país, uma viagem para fundar a primeira colônia nas partes Meridionais da Virgínia, por este instrumento, solene e mutuamente em presença de Deus e um do outro, ajustamos e combinamos juntar-nos num organismo civil e político, para nossa melhor ordenação e preservação e para o favorecimento dos propósitos supramencionados; e em virtude disso decretar, constituir e redigir, periodicamente, as leis, ordenações, atos, constituições e cargos, que forem julgados mais adequados e convenientes para o bem geral da Colônia, à qual prometemos toda a submissão e obediência devidas. Em testemunho do que abaixo assinamos nossos nomes em Cabo Cod no dia 11 de novembro, décimo oitavo ano do reinado de nosso soberano senhor, Rei Jaime, da Inglaterra, França e Irlanda, e quinquasésimo quarto da Escócia. No ano do Senhor de 1620.

Depois disso escolheram, ou melhor, confirmaram, \* o sr. John Carver (homem piedoso, que merecia a aprovação de todos) como seu Governador naquele ano. E depois que arrumaram um sítio para suas mercadorias, ou armazém comum, (que demoraram para ser desembarcadas por falta de botes, ruindade do tempo de inverno e indisposição de diversos), e encetaram a construção de pequenas casas para nelas residir, conforme o permitia o tempo, eles se reuniam e consultavam acerca de leis e ordens, tanto para o seu Governo civil quanto para o militar, à medida que as necessidades da situação o requeressem, aumentando-se ainda conforme a urgência da ocasião em vários momentos e conforme o exigissem os casos.

Nesses princípios duros e difíceis, encontraram descontentamentos e murmurações entre alguns, e falas e atitudes sediciosas em outros; mas estes foram logo debelados e superados pela sabedoria, pela paciência, e pela direção justa e igual

\* John Carver havia sido informalmente designado para governador do *Mayflower* quando este navio zarpu da Inglaterra, de modo que sua eleição formal pela companhia, depois da assinatura do acordo, se denomina confirmação.

das coisas por parte do Governador e seus auxiliares, que se mantiveram fielmente juntos, de um modo geral. Mas o mais triste e lamentável foi que, no espaço de 2 ou 3 meses, metade da companhia morreu, especialmente em janeiro e fevereiro, quando o inverno estava no auge e havia falta de casas e outros confortos; estando os homens atacados de escorbuto e outras moléstias, que a longa viagem e sua incômoda situação lhes acarretaram; desse modo, como morriam, às vezes, 2 a 3 por dia, na supradita ocasião; de cento e tantas pessoas, mal sobram cinquenta. \* E destas, no tempo de maior aperto, havia apenas 6 ou 7 sadias, as quais, seja dito em seu louvor, não se furtaram a trabalhos, nem de dia nem de noite, mas com abundância de lidas e risco da própria saúde, foram buscar lenha para os doentes, fizeram fogueiras para eles, cozinharam-lhes a carne, fizeram-lhes as camas, lavaram suas roupas nauseabundas, vestiram-nos e despiram-nos; numa palavra, realizaram todos os trabalhos grosseiros e necessários que os que têm estômagos delicados e sensíveis não suportam sequer ouvir nomeados; e tudo isso de bom grado e boa cara, sem a menor relutância, mostrando neste ponto o amor verdadeiro que consagravam aos amigos e irmãos. Exemplo raro e digno de ser lembrado. Dois desses 7 eram o sr. William Brewster, o reverendo Elder, e Myles Standish, seu Capitão e comandante militar, aos quais eu mesmo, e muitos outros, ficamos devendo muito em nossa fraca e enfermiza condição. E, todavia, o Senhor sustentou de tal maneira essas pessoas que, no meio da calamidade geral, não se deixaram infeccionar por moléstias nem por quebraadeiras. E o que eu disse deles, posso estender a muitos outros que morreram nessa aflição geral, e a outros que ainda vivem, pois enquanto tiveram saúde, ou ainda tinham alguma força, não faltaram aos que deles necessitavam. E não duvido de que sua recompensa esteja com o Senhor.

Mas não posso deixar de referir aqui outra passagem notável que não se há de esquecer. Como essa calamidade surgiu entre os passageiros que deviam ser deixados aqui para plantar e foram desembarcados à pressa na praia, obrigados a beber água para que os marinheiros tivessem maior quantidade de cerveja para tomar, e tendo um dos doentes manifestado o desejo de tomar apenas uma latinha de cerveja, responderam-lhe que, mesmo que ele fosse o pai deles, não receberia lata nenhuma; ora, a doença começou a alastrar-se entre os tripulantes também, de modo que quase metade da companhia morreu antes que o navio partisse dali, como aconteceu a muitos oficiais e homens mais vigorosos, como o contramestre, o artilheiro, 3 intendentos, o cozinheiro e outros. Diante disso, o capitão, impressionado, chamou os doentes que estavam na praia e disse ao Governador que mandaria buscar cerveja para os que precisassem dela, ainda que ele tivesse de beber água na viagem de regresso a casa. Mas entre os da sua companhia surgiu então outro tipo muito diferente de atitude na miséria que afligia os passageiros; porque os que tinham sido antes bons companheiros na bebida e nas reuniões alegres no tempo da saúde e do bem-estar, começaram a desertar uns dos outros nesta calamidade, dizendo não querer arriscar suas vidas por eles, pois se tornariam infectados se fossem ajudá-los em suas cabanas, mesmo porque, depois que eles tivessem morrido por causa disso, pouco ou nada fariam por eles e, portanto, se tivessem de morrer, que morressem. Mas os passageiros que ainda se achavam a bordo lhes deram as mostras que puderam de misericórdia, o que abrandou alguns corações, como o contramestre (e outros), moço orgulhoso, que freqüentemente insultava e escarnecia os passageiros; mas quando ficou fraco, os

\* A doença era talvez o tifo.

demais, compadecidos, ajudaram-no; e ele confessou que não merecia ser tratado assim, uma vez que os maltratara por palavras e atos. Vejo agora, disse ele, que mostrais realmente vosso amor de Cristãos uns aos outros, mas nós nos deixamos uns aos outros fazer e morrer como cães. ...

Durante todo esse tempo, os índios se esgueiravam sorrateiramente por ali e, às vezes, mostravam-se à distância mas, quando alguém se aproximava, punham-se a correr. E, de uma feita, roubaram os instrumentos dos homens, onde estes tinham estado trabalhando e de onde se tinham ausentado para jantar. Mas lá pelo dia 16 de março, surgiu ousadamente entre eles certo índio e falou-lhes num inglês estropiado, mas que eles compreenderam muito bem, embora se maravilhassem disso. Por fim, interrogando-o, acabaram compreendendo que ele não era daquelas partes, mas pertencia às partes orientais, visitadas por alguns navios ingleses que lá tinham ido para pescar, e que ele ficara conhecendo, podendo nomear vários pelo nome, e com os quais aprendera a língua que falava. Esse índio lhes foi muito útil, familiarizando-os com inúmeras coisas relativas ao estado do país nas partes orientais em que vivia, o que se revelou mais tarde proveitoso para eles; e também com o povo daqui, seus nomes, seu número e sua força; sua situação e distância daquele lugar, e quem era seu chefe. Chamava-se Samaset; falou-lhes também de outro índio chamado Squanto, nativo daquele lugar, que estivera na Inglaterra e falava inglês melhor do que ele. Dispensado, após algum tempo de entretenimento e troca de presentes, voltou pouco depois, em companhia de mais 5, que trouxeram todos os instrumentos roubados dias antes, e preparou o caminho para a chegada do seu grande Sachem, chamado Massasoyt; o qual, 4 ou 5 dias mais tarde, veio com o chefe dos seus amigos e outra comitiva, da que fazia parte o supracitado Squanto. Com o qual, depois de amistoso entretenimento, ajustaram uma paz (que continua agora há 24 anos) \* nesses termos:

1. Nem ele, nem nenhum dos seus causaria dano ou faria mal a ninguém do povo deles.
2. Se algum dos seus fizesse mal a algum dos deles, ele lhes mandaria o ofensor, para que pudessem puni-lo.
3. Se alguma coisa fosse tirada de algum dos deles, ele faria que fosse restituída; e eles deveriam fazer o mesmo com o seu.
4. Se alguém fizesse guerra injusta contra ele, eles o ajudariam; se alguém fizesse guerra contra eles, ele os ajudaria.
5. Ele mandaria aviso aos vizinhos e aliados, para inteirá-los de tudo, a fim de que não viessem a fazer-lhes mal, mas pudessem ser igualmente compreendidos nas condições de paz.
6. Quando seus homens se aproximassem deles, deveriam deixar arcos e flechas para trás.

Depois dessas coisas, ele voltou para a sua terra, chamada Sowans, a umas 40 milhas daquele lugar, mas Squanto continuou com eles, e serviu-lhes de intérprete, e foi um instrumento especial mandado por Deus para ajudá-los além das suas expectativas. Ensinou-os a semear o milho, onde pegar peixe e arranjar outros bens, e foi-lhes também piloto para levá-los a lugares desconhecidos em proveito deles, e nunca os deixou até morrer. ...

\* Continuou por mais de 50 anos.

Na primeira hora, aula de história no Inverno.

A natureza das plantas no Verão.

A síntese de cada Aula será examinada, antes de ser dada nova Aula.

Todo Aluno que, num exame, se mostrar capaz de ler os Originais do *Antigo* e do *Novo Testamento* no idioma Latino, e de explicá-los *Logicamente*; e tiver, além disso, uma vida e uma conversação piedosas; e em qualquer Ato público tiver a Aprovação dos Supervisores e Diretor do Colégio, estará em condições de ser honrado com o seu primeiro Diploma.

Todo Aluno que se dedicar a escrever um *Sistema*, ou *Sinopse*, ou síntese de *Lógica*, ou de *Filosofia Natural e Moral*, *Aritmética*, *Geometria e Astronomia*; e estiver pronto para defender sua *Tese* ou posições: além de ser habilidoso nos Originais como acima ficou dito; e, sendo de vida e conversação piedosas, for assim aprovado pelos Supervisores e pelo Diretor do Colégio, em qualquer *Ato* público, estará em condições de receber seu segundo Diploma.

### “BREVE NOTÍCIA DOS ÍNDIOS MOHAWK” \*

(1644)

Johannes Megapolensis fora ministro na Holanda durante treze anos quando Kiliaen van Rensselaer, joalheiro de Amsterdã e *patroon* da Nova Neerlândia, o escolheu para pregar o evangelho em Rensselaerwyck, na margem esquerda do rio Hudson, ao norte do Forte Orange. Megapolensis chegou a Rensselaerwyck em 1642 e começou a pregar aos índios em 1643, três anos antes que John Eliot principiasse a catequizar os índios de Massachusetts. Em 1649, estabeleceu-se em Manhattan, onde dirigiu um pastorato até sua morte, em 1668.

*Breve narrativa dos índios Mohawk, seu país, sua língua, sua estatura, seus trajes, sua religião e seu governo, assim descritos e recentemente, em 26 de agosto de 1644, expedida da Nova Neerlândia, por Johannes Megapolensis, o moço, Pregador local.*

A região aqui, de um modo geral, se parece com a da Alemanha. A terra é boa, e fértil em tudo o que provê às necessidades humanas, exceto roupas, lã, meias, sapatos, etc., que são todos caros. A região, muito montanhosa, formada em parte de solo e em parte de rochas, apresenta elevações tão excessivamente altas que parecem quase tocar as nuvens. Crescem ali os mais belos pinheiros que os olhos já viram. Há também neste país carvalhos, amieiros, faias, olmeiros, salgueiros, etc. Nas florestas, ao longo dos rios e à volta dos lagos, e nas ilhas, cresce uma quantidade de castanheiros, ameixeiras, aveleiras, noqueiras de várias espécies, e tão saborosas quanto nos Países Baixos, mas têm uma casca um pouco mais dura. Recobrem o solo nas colinas touceiras de arandos e vacínios; o solo nas terras planas perto dos rios é forrado de morangos, que crescem com tanta abun-

\* J. Franklin Jameson, org., *Narratives of New Netherland* [*Narrativas da Nova Neerlândia*] (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1909; Barnes and Noble, 1946), pp. 168 e seg.

dância nos campos, que a gente pode deitar-se no chão e comê-los. Vinhas também crescem aqui naturalmente com grande fartura ao longo das estradas, caminhos e riachos, e para onde quer que a gente se volte os encontra. Já vi trechos inteiros de terra em que vinhas, ao lado de vinhas, medram, luxuriantes, trepando até ao alto das árvores maiores e mais altas e, se bem não sejam cultivadas, algumas uvas são tão boas e doces quanto as que se encontram na Holanda. . . . Se as pessoas quisessem cultivar os vinhedos, poderiam ter aqui um vinho tão bom quanto o que têm na Alemanha ou na França. Na última colheita, enchi um bote de uvas e as presei. Enquanto foi novo, o vinho tinha melhor sabor do que qualquer Mosto Francês ou Renano, e a cor do suco é aqui tão forte e vermelha que, com um copo cheio de vinho, se pode colorir um pote inteiro de vinho branco. Nas florestas há grande quantidade de veados, que, no outono e no princípio do inverno, estão tão gordos quanto na Holanda pode estar uma vaca. Tenho comido alguns com dois dedos e tanto de gordura nas costelas, de modo que, praticamente, pouco mais tinham além de gordura e quase não podiam ser comidos. Há também muitos perus, tão grandes quanto os da Holanda mas, em alguns anos, menos numerosos do que em outros. No ano anterior ao da minha chegada, havia tantos perus e veados que vinham comer perto das casas e dos chiqueiros, onde eram apesados pelos índios em tão grande número que os holandeses compravam um veado por um pão, por uma faca, ou por um pito; mas agora um bom veado costuma custar seis ou sete florins. Nas florestas daqui há também muitas perdizes, galinhas selvagens e pombos, que voam juntos aos milhares e, às vezes, dez vinte, trinta e até quarenta e cinqüenta são mortos com um tiro só. Temos também grande quantidade de todos os tipos de aves, cisnes, gansos, patos, marrecos, patos selvagens, gansos selvagens, que, na primavera, brincam sobre o rio aos milhares e, no outono, tornam a voar em bandos para longe, de modo que, de manhã e à tarde, qualquer pessoa postada diante de sua casa com uma espingarda pode atirar-lhes quando passam. . . .

Quanto ao solo deste país, nas montanhas é uma areia avermelhada ou rocha mas, nas terras baixas e planas, ao longo dos rios e mesmo nas encostas salientes das montanhas até uns cem ou duzentos passos de altura, é amíúde argiloso. Tenho escalado morros altos como uma igreja, para examinar-lhes o solo, e descobri que se trata de argila. Neste solo parece haver uma força e uma capacidade singulares para produzir qualquer tipo de cultura, pois um fazendeiro me contou haver plantado um trigo excelente no mesmo pedaço de terra durante onze anos consecutivos sem jamais passar grade no solo e sem deixá-lo de pouso uma única vez. A man-teiga é limpa e amarela como na Holanda. Atravessa esta terra um ótimo rio, de uns 500 ou 600 passos de largura, que vem da Região de Mahakas, a umas quatro léguas daqui, e, depois de correr entre duas margens altas e rochosas, cai de uma altura igual à de uma igreja, com tamanho estrondo que, às vezes, conseguimos ouvi-lo de muito longe. . . . Neste rio há grande abundância de todas as espécies de peixes — lúcius, enguias, percas, lampreias, carpas, bagres, peixes-lua, savelhas, etc. Na primavera, em maio, as percas são tão numerosas que um homem com uma linha e um anzol pegará numa hora tantas quantas dez ou doze homens podem comer. Numa hora, meus meninos pegaram cinqüenta, cada qual com um pé de comprimento. Eles têm três anzóis no instrumento com que pescam, e pegam, não raro, duas ou três percas ao mesmo tempo. . . .

Quanto à temperatura deste país, e às estações do ano, os verões são bem quentes, de modo que, na maior parte do tempo, somos obrigados a andar em mangas de camisa, e os invernos são muito frios. O verão prolonga-se por muito tempo, chegando até ao dia de Todos os Santos; mas quando o inverno começa,

como costuma acontecer em dezembro, esfria tanto numa noite que o gelo que se forma será capaz de suportar um homem. Até os rios, quando não venta muito e nenhuma corrente forte impulsiona as águas, ficam congelados numa noite, e já no segundo dia as pessoas podem caminhar sobre eles. E esse frio persiste, por via de regra, durante três meses; pois muito embora estejamos aqui a 42 graus de latitude, o frio é sempre assim. E conquanto haja dias quentes e agradáveis, o degelo não continua, e o gelo volta e perdura até março. . . .

Os habitantes deste país são de duas espécies: primeira, cristãos — ou, pelo menos, assim chamados; segunda, índios. Dos cristãos nada direi; minha intenção é falar apenas dos índios. . . . A principal nação de todos os selvagens e índios nesta redondeza com que temos maior comunicação é a dos Mahakuaas,\* que impuseram uma contribuição a todos os outros índios que vivem perto de nós. Essa nação fala um idioma muito difícil, e tem-me custado um grande esforço aprendê-lo, para poder falar e pregar nele com fluência. Não há cristão aqui que compreenda perfeitamente a língua; os que já vivem aqui há muito tempo usam uma espécie de jargão, que mal lhes dá para negociar com os nativos, mas não compreendem os princípios fundamentais da língua. Estou compondo um vocabulário do idioma dos Mahakuaas, e quando me acho entre eles pergunto-lhes como se chamam as coisas; mas como eles são muito estúpidos, às vezes não consigo fazê-los compreender o que desejo. Além disso, quando respondem à minha pergunta, um me diz a palavra no modo infinitivo, outro no indicativo; um na primeira, outro na segunda pessoa; um no presente, outro no pretérito. Por isso fico olhando uma porção de vezes, sem saber como anotar a resposta. E visto que eles também têm declinações e conjugações, e têm seus argumentos, como os gregos, pareço uma pessoa estonteada e, freqüentemente, não sei o que fazer, pois não há ninguém para orientar-me. Terei de meditar sobre isso a sós, a fim de tornar-me, com o tempo, um gramático índio. . . .

As pessoas e os índios neste país são como nós, holandeses, no corpo e na estatura; alguns têm traços, corpos e membros bem proporcionados; todos têm cabelos e olhos pretos, mas a tez é amarela. No verão andam nus, cobrindo apenas as partes pudendas com um pedaço de pano. As crianças e os jovens até dez, doze e catorze anos de idade andam inteiramente despidos. No inverno, penduram simplesmente no corpo uma pele não curtida de veado, urso ou pantera; ou pegam algumas peles de castor e de lontra, gato do mato, guaxinim, marta, lontra, armíno, caxinguelê, que abundam neste país, e costuram umas nas outras, até fazer uma peça quadrada, que lhes serve de roupa; ou compram de nós, holandeses, duas varas e meia de pano de lã felpuda, que penduram simplesmente no corpo, do jeito que o pedaço foi tirado da peça, sem costurá-lo, e já saem com ele. Contemplam-se a todo momento, julgando-se muito elegantes. Eles próprios fazem meias e sapatos de couro de veado pássaro, ou apanham folhas de milho, trançam-nas umas nas outras e usam-nas como calçados. Assim as mulheres como os homens andam com a cabeça descoberta. . . .

Vivem geralmente sem casamento; e se um deles tem esposas, o casamento só perdura enquanto for do agrado de ambas as partes; quando deixa de sê-lo separam-se e cada qual escolhe outro companheiro. Vi casais separados que, depois de viver muito tempo com outros, deixam esses outros também, procuram os companheiros anteriores e reconstituem os pares primitivos. E, embora tenham esposas, não deixam de freqüentar prostitutas; e se puderem dormir com a esposa de outro homem, entendem que isso é muito bonito. As mulheres, excessivamente

\* Mohawks.

inclinadas à prostituição, entregam-se a um homem pelo valor de um, dois ou três xelins, e nossos holandeses vivem correndo atrás delas.

Logo depois de terem dado à luz, as mulheres põem-se a andar e, por mais frio que esteja fazendo, vão lavar-se com o filho recém-nascido no rio ou na neve. Não ficam deitadas (pois dizem que, se o fizessem, logo morreriam), mas continuam andando de um lado para outro. São obrigadas a cortar lenha, a viajar três ou quatro léguas com a criança; em suma, caminham, ficam em pé, trabalham, como se não tivessem acabado de parir, e não nos parece que disso lhes advinha algum mal; e nós, às vezes, tentamos persuadir nossas esposas a parturir assim, e lhes dizemos que a maneira usada na Holanda é mera conversa fiada. Os homens têm grande autoridade sobre as concubinas, de modo que, quando elas fazem alguma coisa que não lhes agrada e os enfuria, tomam de um machado e dão-lhe uma machadada na cabeça, liquidando o assunto. As mulheres são obrigadas a preparar a terra, a ceifar, a plantar e a fazer tudo; os homens não fazem nada, a não ser caçar, pescar e guerrear os inimigos. Cruelíssimos com os inimigos em tempo de guerra, primeiro arrancam com os dentes as unhas dos dedos dos cativos e cortam-lhes algumas juntas e, às vezes, até dedos inteiros; depois, obrigam-nos a cantar e a dançar diante deles inteiramente nus; finalmente, assam-nos até matá-los em fogo brando, durante alguns dias, e os comem. O povo comum come os braços, as nádegas e o tronco, mas o chefe come a cabeça e o coração.

Nossos Mahakas empreendem grandes guerras contra os índios do Canadá, no rio São Lourenço, e apressam muitos cativos, . . . Poupam todas as crianças de dez a doze anos, e todas as mulheres que prendem na guerra, a menos que sejam muito velhas, e nesse caso as matam também. Embora sejam tão cruéis com os inimigos, são muito amistosos conosco, e não nos metem medo. Entramos com eles no mato, encontramos-nos uns com os outros, às vezes a uma ou duas horas de distância de qualquer casa, e damos a isso tanta importância quanto se nos encontrássemos com um cristão. Eles também dormem perto de nós, em nossos quartos, diante de nossas camas. Já tive oito ao mesmo tempo deitados e dormindo no chão, perto da minha cama, pois eles costumam dormir simplesmente no chão nu, tendo somente uma pedra ou um pedaço de madeira debaixo da cabeça. À noite, vão para a cama logo depois de haver ceado; mas, de manhã cedo, antes do romper do dia, estão de pé novamente. Muito desmazelados e sujos, não lavam o rosto nem as mãos, mas deixam que tudo lhes permaneça sobre a pele amarela, e parecem porcos. Seu pão é milho batido entre duas pedras, do qual fazem um bolo, que assam nas cinzas; seus outros alimentos são a carne de veado, perus, coelhos, ursos, gatos do mato, seus próprios cachorros, etc. Cozinham o peixe assim que o tiram da água, sem limpá-lo; como fazem com as entranhas do veado com todo o seu conteúdo, que cozinham um pouco; e se os intestinos estiverem muito rijos, põem uma extremidade na boca e seguram a outra com a mão e, entre a mão e a boca, separam-nos e comem. Assim fazem comumente com a carne, pois cortam um pedacinho e o colocam no fogo, durante o tempo que uma pessoa levaria para ir de sua casa à igreja, e pronto; em seguida, mordem-nos de modo que o sangue lhes escorre pela boca. São também capazes de pegar um pedaço de gordura de urso do tamanho de dois punhos e comê-la sozinha, sem pão ou qualquer outra coisa. Naturalmente imberbes, nem mesmo um em cem tem pêlos em torno da boca.

Está claro que se têm em altíssimo conceito; dizem, por exemplo, *Thy Otskon* ("Eu sou o Diabo") com o que querem significar que são superiores. A fim de gabar-se a si e ao seu povo, toda vez que lhes louvamos a habilidade no caçar veados, ou no fazer isto ou aquilo, dizem, *Thoschs ko, aguweechon Kajingabaga*

*kouaane Jountucka Otskon*; ou seja, "De fato, todos os Mohawks são diabos muito espertos." Constroem suas casas com cascas de árvores, muito juntas e quentes, e acendem fogueiras no meio delas. Também fazem da casca e do córtex das árvores canoas ou botes pequenos, que transportam quatro, cinco e seis pessoas. . . . Suas armas de guerra eram outrora o arco, a flecha, o machado de pedra e o tacape; mas agora arranjaram com a nossa gente fuzis, espadas, machados e porretes de ferro. O dinheiro deles consiste em conchas e caramujos, encontrados nas praias; fazem um buraquinho no meio das conchas, por onde introduzem um fio e formam longas fieiras, que servem de cintos, às vezes da largura de uma mão, às vezes até mais largos, e os penduram no pescoço ou os enrolam à volta do corpo. Têm também diversos buracos nas orelhas, onde penduram algumas. Dão às suas conchas tanto valor quanto muitos cristãos dão ao ouro, à prata e às pérolas; mas não gostam do nosso dinheiro e não o consideram melhor do que o ferro. De uma feita, mostrei a um chefe deles um dólar de prata holandês; o chefe perguntou-me quanto valia aquela moeda entre os cristãos; e, quando lhe respondi, riu-se a bandeiras despregadas, dizendo que éramos loucos por dar tanto valor a um pedaço de ferro; e que, se tivesse um dinheiro daqueles, atirá-lo-ia no rio. . . .

Se bem que totalmente alheios a qualquer religião, têm um *Tharonhijouaagon* (ao qual, aliás, chamam também *Athzoockkuatoriabo*), isto é, um Gênio, que estimam em lugar de Deus; mas não o adoram nem lhe fazem oferendas. Adoram e fazem oferendas ao Diabo, a quem chamam *Otskon* ou *Aireskuoni*. Se forem mal-sucedidos na guerra, caçam um urso, que cortam em pedaços, assam e oferecem ao seu *Aireskuoni*, dizendo, em suma, o seguinte: "Oh! grande e poderoso Aireskuoni, confessamos que te ofendemos, visto que não matamos nem comemos nossos inimigos cativos; — perdoa-nos. Prometemos matar e comer todos os cativos que daqui por diante apresarmos tão certamente quanto matamos e agora comemos este urso." E se estiver fazendo muito calor e soprar uma brisa refrescante, também gritam incontinenti, *Asoronusi, asoronusi, Otskon aworouhsi reinnuba*; o que quer dizer, "Eu te agradeço, eu te agradeço, diabo, eu te agradeço, tiozinho!" Quando ficam doentes, ou têm uma dor ou uma inflamação num lugar qualquer dos membros, e eu lhes pergunto o que os incomoda, dizem que o Diabo, sentado em seu corpo, ou nos pontos doloridos, os está mordendo nesses locais; de modo que atribuem ao Diabo, ao mesmo tempo, os acidentes que lhes sucedem; fora isso, porém, não têm religião. Quando rezamos, riem-se de nós. Alguns desprezam de todo a oração; e outros, quando lhes dizemos o que fazemos ao rezar, ficam mudos de espanto. Quando pronuncio um sermão, às vezes dez ou doze deles vêm ouvir-me falar, e depois me perguntam o que estou fazendo e o que desejo, ficando ali sozinho e dizendo tantas palavras, ao passo que nenhum dos circunstantes pode falar. Respondo-lhes que estou admoestando os cristãos, advertindo-os de que não devem roubar, nem praticar obscenidades, nem se embriagar, nem matar, e que não lhes é permitido fazer essas coisas; e que pretendo, com o passar do tempo, pregar-lhes o mesmo e chegar a eles em sua própria terra e em seus próprios castelos (situados a uns três dias de viagem daqui, mais para o interior), quando estiver familiarizado com o seu idioma. Eles dizem então que eu faço bem ensinando os cristãos; mas acrescentam imediatamente, *Diatennon jawaij Assirioni, hagiouiski*, o que significa, "Por que tantos cristãos fazem essas coisas?" . . .

Outro dia uma velha veio à nossa casa e disse à minha gente que seus antepassados lhe haviam dito "que *Tharonhij-Jagon*, isto é, Deus, certa vez saiu a passeio com o irmão e, tendo surgido entre eles uma disputa, Deus matou seu

irmão." Suponho que esta fábula se originou da história de Caím e Abel. Eles têm uma teoria engraçada da criação, pois acham que uma mulher grávida caiu do céu e uma tartaruga (as tartarugas são numerosas e grandes neste lugar, e medem dois, três e quatro pés de comprimento; muito nocivas, algumas têm duas cabeças e são muito dadas a morder) pegou a mulher nas costas, porque todos os lugares estavam cobertos de água; a mulher sentou-se na tartaruga, bateu com as mãos debaixo d'água, juntou com dificuldade um pouco de terra e, em vista disso, a terra afinal se ergueu acima da água. No seu entender, há mais de um mundo, e nós viemos de outro mundo. . . .

O governo entre eles é exercido pelos mais velhos, mais inteligentes, mais eloqüentes e mais belicosos. Esses homens, de ordinário, decidem e os jovens guerreiros executam suas decisões. Se o povo comum, todavia, não aprovar a decisão, esta é deixada inteiramente ao critério da multidão. Dentre todos, os chefes são geralmente os mais pobres pois, ao invés de receber do povo, como acontece entre os cristãos, são obrigados a dar ao povo; sobretudo quando alguém morre na guerra, dão grandes presentes aos parentes mais próximos do morto; e, quando fazem prisioneiros, entregam-nos à família para substituir o que foi morto, e a família adota o prisioneiro em lugar da pessoa falecida. Aqui não há castigo para o homicídio e outras vilanias, mas cada qual é seu próprio vingador. Os amigos do que morreu vingam-se do assassino até que se restaure a paz por meio de presentes aos parentes mais próximos. Mas conquanto sejam tão cruéis, e vivam sem leis ou quaisquer punições para os que praticam malfetorias, não se comete entre eles a metade sequer das vilanias ou homicídios cometidos entre os cristãos; de modo que muitas vezes penso com assombro em todos os assassinios levados a efeito na minha terra natal, sem embargo das suas leis severas e penas pesadas. Posto que vivam sem leis e sem medo do castigo, esses índios não matam gente (ou, pelo menos, só o fazem muito raramente), a menos que os mova uma grande paixão ou numa luta corpo a corpo. Razão pela qual andamos totalmente despreocupados com eles e os encontramos a uma hora de distância de nossas casas, no meio do mato, sem fazer o menor mal uns aos outros.

**O dogma sangrento da perseguição . . . (1644).** Folheto de Roger Williams, publicado na Inglaterra, para onde ele fora a fim de obter uma carta para Rhode Island, em que requeria a separação entre a Igreja e o Estado; o "fundamento do poder civil . . . no povo"; e "a permissão de consciências diversas e contrárias".

### LEI DA TOLERÂNCIA DE MARYLAND \* (21 de abril de 1649)

Promulgada em resultado de instruções expressas de Lorde Baltimore, a Lei da Tolerância destinava-se a eliminar os motivos da acusação de que Maryland era intolerante com os protestantes. Foi revogada em 1654, quando os puritanos conquistaram o controle do governo de Maryland, mas restaurada em 1656, depois que o Comitê de Comércio restabeleceu os privilégios de Lorde Baltimore.

\* Clayton Colman Hall, organizador, *Narratives of Early Maryland, 1633-1648* [Narrativas da Primitiva Maryland, 1633-1648] (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1910; Barnes and Noble, 1946), pp. 269 e seguintes.